

AS AÇÕES DO NÚCLEO DE IDENTIDADES DE GÊNERO E SUBJETIVIDADES (NIGS) E A AGENDA POLÍTICA DE COMBATE À HOMOFOBIA, LESBOFOBIA E TRANSFOBIA NAS ESCOLAS

ACTIVITIES OF THE CENTER FOR GENDER IDENTITIES AND SUBJECTIVITIES (NIGS), AND THE POLITICAL AGENDA FOR THE STRUGGLE AGAINST HOMO-LESBO-TRANSPHOBIA IN SCHOOLS

Mareli Eliane Graupe¹

Mirian Pilar Grossi

Resumo:

Este texto apresenta projetos de pesquisa e extensão que são desenvolvidos pelo Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) no contexto da agenda política (internacional e municipal) de combate à homofobia, lesbofobia e transfobia nas escolas. O projeto “Papo Sério”: gênero, sexualidades e educação objetiva problematizar as representações de gênero, sexualidades e violências com jovens alunas/os das escolas públicas da Grande Florianópolis. O Concurso de Cartazes sobre Homo-lesbo-transfobia nas escolas visa à criação artística de cartazes alusivos às questões que envolvem homofobia, lesbofobia e

transfobia nas escolas públicas. O concurso faz parte das ações do dia 17 de maio, dia Mundial de Combate à Homofobia e reconhecido em lei (Nº 7476 de 19 de dezembro de 2007) no município de Florianópolis/Santa Catarina como dia Municipal de Combate à Homofobia, Lesbofobia e Transfobia. O curso de formação continuada sobre Gênero, Sexualidades, Homo-lesbo-transfobia nas escolas busca contribuir na problematização e discussão de temas relacionados à convivência com as diferenças, sejam elas, racial, religiosa, de classe, gênero ou de orientação sexual.

Palavras-chave: homofobia, violências, escolas públicas.

¹ Professora no Mestrado em Educação na Universidade do Planalto Catarinense. E-mail: mareligraupe@hotmail.com

Abstract:

This paper presents research and social projects developed by the Center for Gender Identities and subjectivities (NIGS) as part of of the political agenda (international and local) to fight homophobia, lesbophobia and transphobia in schools. The project “serious talk: gender, sexualities and education” aims to problematize representations of gender, sexuality and violence with young publi school students in Greater Florianópolis. The Poster Contest on homo-lesbo-transphobia in schools aims at artistic creation of posters depicting issues surrounding homophobia,

A agenda política de combate à homofobia, com a instituição do dia 17 de Maio, chega ao Brasil em 2005, através de uma chamada global da organização francesa “Comitê IDAHO”. Esta presidida pelo ativista e acadêmico francês Louis George-Tin, traz como proposta política de ação o tema “*Pelo reconhecimento de um Dia Universal contra a Homofobia*”. Entretanto é apenas em 2006, com a pauta “*Por uma despenalização universal da homossexualidade*”, que as ações deste dia se consolidam, mesmo que de forma tímida, no Brasil. Neste ano foram organizadas no

lesbophobia and transphobia in public schools. The contest is part of the activities of May 17, World Day against Homophobia, and recognized by law (No. 7476 of December 19, 2007) in Florianópolis / Santa Catarina as Municipal Day against Homophobia, Lesbophobia and Transphobia. The advanced training course for teachers on Gender, Sexuality and homo-lesbo-transphobia in schools aimed to contribute to the questioning and discussion of issues related to living with differences, be they racial, religious, class, gender or sexual orientation.

Keywords: homophobia, violence, public schools.

Brasil algumas atividades que incluíram, por exemplo, a aprovação da primeira lei que instituiu este dia em um calendário oficial do poder executivo no município de Rio Grande/RS (Lei nº 6.257/2006). Os anos seguintes, a nível global, tiveram como pauta “*Não à Homofobia, Sim à educação*” em 2007, “*Não mais Lesbofobia*” em 2008, “*Contra a Transfobia e pelo Respeito da Identidade de Gênero*” em 2009, “*Religiões, Homofobia, Transfobia*” em 2010 e 2011.

Em 2012 a organização propôs o tema “*Ensine uma lição IDAHO*”, remetendo, mais uma vez, à cen-

tralidade da educação ao campo de combate à homofobia. Além disso, também em 2012, a América Latina optou por refletir localmente sob o slogan “*Curas que Matam*”, fazendo referência às terapias de conversão da orientação sexual postas a cabo por determinadas religiões cristãs².

A homofobia no Brasil, assim como em outros países da América Latina, se expressa por meio de diversas formas intolerantes e violentas. Segundo os dados do Grupo Gay da Bahia, no Brasil em 2011 foram em torno de 260 pessoas vítimas de homicídios por motivos homofóbicos. A homofobia é definida como rejeição, aversão, medo ou ódio irracional a lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros (LGBTTT). Através destas formas diferentes de violência são marcadas as fronteiras de uma ordem sexual e social pensada como natural, (BORRILLO, 2001).

Se a homofobia como fenômeno individual e irracional continua sendo uma realidade comum no Brasil, no entanto, este país está cumprindo um esforço maior na perspectiva de contestar estas fronteiras sexuais e sociais. A decisão em maio 2011, emi-

tida pelo Supremo Tribunal Federal que reconheceu a equivalência das uniões estáveis com o casamento (também para casais do mesmo sexo) aparece como uma primeira medida fundamental que toca e sacode as estruturas sociais da ordem heterossexista. Ainda que limitada à esfera jurídica, esta medida representa um primeiro passo para superar a ideologia e a “organização social que considera a heterossexualidade monogâmica como ideal no plano sexual e afetivo” (*ibidem*, p. 87). Como mudar então as mentalidades, as representações sociais e coletivas? É com estes desafios e com esta realidade complexa e paradoxal que se confrontam as ações das políticas de combate à homofobia tanto na sociedade como na escola.

No seio de desta pauta política global buscamos neste texto apresentar as contribuições do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) à celebração desta data, sempre em sintonia tanto com as pesquisas produzidas pelo núcleo como com as agendas internacional, nacional, regional e municipal relacionadas ao dia 17 de Maio.

² Para a análise dos projetos de “cura homossexual” no Rio de Janeiro, ver tese de Marcelo Natividade (2008).

AÇÕES PROPOSTAS PELO NIGS/UFSC

O Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades (NIGS) da Universidade Federal de Santa Catarina (UFSC) foi fundado em novembro de 1991. O Núcleo é composto por pesquisadoras/es de graduação, mestrado, doutorado e de pós-doutorado, que realizam trabalhos acadêmicos sobre temas diversos que têm em comum pesquisas no campo das teorias *queer* e feminista, envolvendo temas como as violências contra mulheres e lesbo-trans-homofobia; identidades, parentalidades e conjugalidades homossexuais, heterossexuais e transexuais; arte homoerótica; amor; gênero e sexualidade na escola; religiões e sexualidades; movimentos feministas e LGBTTT; e políticas públicas.

O NIGS trabalha em muitas parcerias, entre elas, para as ações contra a homo-lesbo-transfobia com a Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres – CMPPM e com o apoio de instituições que lutam pelo reconhecimento dos direitos sexuais dos LGBTTT (Lésbicas, Gays, Bissexuais, Transexuais, Travestis e Transgêneros) na grande Florianópolis como a ADEH (Associação de Travestis) e ROMA (Instituto da Diversidade Sexual da Grande Florianópolis).

Na realidade brasileira, observa-se uma interessante interação entre os movimentos sociais (ligados à luta contra homofobia e ao reconhecimento dos direitos sexuais) e o campo acadêmico, buscando desta forma, ampliar as discussões e o trabalho de extensão e pesquisa realizada na área dos estudos de gênero, sexualidades e direitos sexuais na sociedade brasileira.

O NIGS-UFSC possui como marca histórica buscar aproximar a universidade da necessidade da comunidade local. No campo das lutas contra a homo-lesbo-transfobias foram realizados em 2012 os projetos institucionais “Papo Sério”: Gênero, Sexualidade e Educação, Concurso de Cartazes sobre Homofobia, Lesbofobia e Transfobia e o Curso de formação continuada para professores que relataremos a seguir.

PROJETO PAPO SÉRIO: GÊNERO, SEXUALIDADES E EDUCAÇÃO – REALIZAÇÃO DE OFICINAS EM ESCOLAS PÚBLICAS DE SANTA CATARINA (2007-2012)

O projeto “Papo Sério”: gênero, sexualidades e educação está sendo desenvolvido desde o ano de 2007. Este tem como objetivo principal problematizar

as representações de gênero, sexualidades e violências com jovens alunas/os das escolas públicas da Grande Florianópolis, através da realização de oficinas temáticas dentro dos eixos de pesquisas realizadas no NIGS por seus diversos pesquisadores e pesquisadoras de graduação e pós-graduação.

As/os pesquisadoras/es do NIGS, primeiramente, participam de uma formação sobre gênero, sexualidades, violências, concepções teóricas e metodológicas no campo da educação, para posteriormente desenvolverem em equipe, as oficinas pedagógicas nas escolas públicas da grande Florianópolis. Busca-se discutir referenciais teóricos que permitam a construção de uma visão plural sobre sexualidades; estimular reflexões sobre como estas temáticas são representadas socialmente na nossa sociedade; conhecer e apreender subsídios teóricos que possibilitem a construção de materiais pedagógicos que contribuam no desenvolvimento das oficinas.

A manifestação da sexualidade está presente na escola, e durante a realização das oficinas, foi possível observar que muitas/os professoras/es preferem ignorar, ocultar ou reprimir assuntos relacionados a temática da sexualidade, baseados na ideia de que a sexuali-

dade é assunto para ser discutido no contexto familiar.

A temática da sexualidade é entendida como uma construção histórica e cultural que articula comportamentos, linguagens, crenças, desejos, posturas sobre os corpos e as maneiras sobre como as pessoas vivem os seus prazeres. Segundo Grossi, “a sexualidade – isto é, as práticas eróticas humanas – é também culturalmente determinada”, (GROSSI, 2010, p.5).

Para a autora, a escola desempenha um papel importante na construção das identidades de gênero e das identidades sexuais, pois, como parte de uma sociedade que discrimina, ela produz e reproduz desigualdades de gênero, raça, etnia, classe no seu cotidiano escolar. Gênero serve

para determinar tudo que é social, cultural e historicamente determinado. No entanto, como veremos, nenhum indivíduo existe sem relações sociais, isto desde que se nasce. Portanto, sempre que estamos referindo-nos ao sexo, já estamos agindo de acordo com o gênero associado ao sexo daquele indivíduo com o qual estamos interagindo (GROSSI, 2010, p.5.)

Neste projeto além da discussão sobre gênero, identidades de gênero, sexualidades e identidades se-

xuais, busca-se refletir sobre o que tem se denominado no Brasil de “cultura da violência”. Violência que é um problema social que está presente dentro e fora das escolas e se manifesta de diversas formas entre todos/as os/as envolvidos/as no processo educativo. Com a discussão sobre as diferentes formas de violências e bullying, propõe-se discutir o papel da educação escolar na produção das desigualdades, especialmente na constituição das masculinidades, nos comportamentos machistas, sexistas e homofóbicos, objetivando a desconstrução da ideia de uma essência ou natureza que explique e justifique as violências, as desigualdades de gênero, as ações discriminatórias, bem como, as desigualdades estabelecidas entre os vários grupos sociais em função das identidades sexuais que fogem aos padrões considerados hegemônicos.

No ano de 2011 foram realizadas 29 oficinas pelo projeto “Papo Sério”, três destas foram realizadas para 120 estudantes universitários e 26 oficinas em dez escolas públicas e contemplaram em torno 705 alunas/os de Ensino Fundamental e Médio e no ano de 2012 estão previstas várias oficinas.

A realização de oficinas pedagógicas nas escolas tem proporcionado a construção de ensino e aprendi-

zado como decorrente da participação ativa dos educandos, em que a/o coordenador/a faz a mediação entre quem aprende e o que é aprendido, seguindo a proposta de Paulo Freire

uma das tarefas essenciais da escola, como centro de produção sistemática de conhecimento, é trabalhar criticamente a inteligibilidade das coisas e dos fatos e a sua comunicabilidade. (...) É preciso (...) que o educando vá assumindo o papel de sujeito da produção de sua inteligência no mundo e não apenas o de receptor da que lhe seja transferida pelo professor (...) (FREIRE, 2002, p.140)

Dessa forma, as oficinas pedagógicas se constituem num importante instrumento para a dinamização do processo de ensino e aprendizagem, especialmente por sua praticidade, sua flexibilidade na abordagem das temáticas propostas considerando a realidade de cada escola e buscando estimular a participação de todos/as.

Priorizamos a realização de oficinas pedagógicas por entendermos que estas são situações de ensino e aprendizagem pautadas processo coletivo de saberes, e que possibilitam a participação ativa e reflexiva de

suas/seus sujeitos, que são alunas/os de escolas públicas, oriundos dos meios populares, cuja cultura e seus saberes precisam ser valorizados, discutidos e re-desconstruídos no contexto escolar.

A discussão sobre gênero, sexualidade e violências nas escolas possibilita o reconhecimento das diferenças culturais, sociais e históricas entre/dos indivíduos, e incentiva as/os profissionais da educação a trabalharem a partir de uma perspectiva pedagógica que valorize a diversidade na escola e que estimule o respeito mútuo entre todos/as.

Considerando o relato das/os professoras/es das escolas em que realizamos as oficinas, podemos dizer que estas temáticas são pouco discutidas no contexto escolar e, ao mesmo tempo, tão comentadas pela mídia, como no caso, das últimas telenovelas da rede globo e de alguns jornais que estão noticiando e denunciando casos de violência contra homossexuais e mulheres.

Através da realização de oficinas, nos diálogos com professoras/es das escolas públicas constatamos que ainda há despreparo e insegurança das/os profissionais de educação, que carecem de informações sobre estes temas, visto que não tiveram formação

específica anterior, ou mesmo não possuem coragem para se posicionarem, como por exemplo, sobre sexualidade, homofobia perante algumas famílias tradicionais, que acham que estes temas não deveriam ser abordados pela escola. Além disso, os aspectos culturais inerentes à formação de cada indivíduo influenciam e dificultam a abordagem da sexualidade e das relações de gênero nas escolas.

Também gostaríamos de ressaltar que no Brasil há os Parâmetros Curriculares Nacionais – PCNS de 1997 e 1998 que pretendem ser um referencial, uma proposta aberta e flexível, que pode ou não ser utilizada pelas escolas na elaboração de suas propostas curriculares. Neste documento, os temas sobre sexualidade, gênero e violência estão contemplados, portanto as/os professoras/es das escolas possuem um respaldo para justificarem a importância e a necessidade de trabalharem sobre estas questões com suas/seus alunas/os.

Enfim, a abordagem destas temáticas nas escolas através de oficinas pode proporcionar a desconstrução e reconstrução das regras e normas necessárias para a convivência entre os diferentes, sem preconceitos e sem estereótipos e discriminação. Trabalhar estas temáticas no campo educacional permite vislumbrar

que a educação pode contribuir na constituição de uma sociedade mais justa e igualitária para todas/os.

CONCURSO DE CARTAZES (2009-2012)

Desde o ano de 2009 o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades-NIGS/UFSC promove o Concurso de Cartazes sobre Homofobia, Lesbofobia e Transfobia nas Escolas. Este Concurso visa à criação artística de cartazes alusivos às questões que envolvem Homofobia, Lesbofobia e Transfobia nas escolas públicas como parte das ações do dia 17 de maio, Dia Mundial de Combate à Homofobia e reconhecido em lei (Nº 7476 de 19 de dezembro de 2007) no município de Florianópolis/Santa Catarina como Dia Municipal de Combate à Homofobia, Lesbofobia e Transfobia.

A exposição de cartazes sobre Homofobia, Lesbofobia e transfobia nas escolas objetiva incentivar os/as professores/as e os/as estudantes de escolas públicas do Estado de Santa Catarina a discutirem em sala de aula temáticas referentes à sexualidade, heteronormatividade, relações homoafetivas, as fobias, o e respeito à diversidade sexual e os direitos humanos.

No ano de 2012 o edital do IV Concurso de Cartazes foi lançado no início do mês de março e em seguida, a equipe de pesquisadores/as do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades iniciou as visitas de divulgação do Concurso de Cartazes e também, do Curso de Formação Continuada nas escolas públicas. Este curso de Formação continuada sobre Gênero, Sexualidades, Homo-lesbo-transfobia nas escolas possui como objetivo principal contribuir na problematização e discussão de temas relacionados à convivência com as diferenças, sejam elas, racial, religiosa, de classe, gênero ou orientação sexual. Também, busca-se por meio de referenciais teórico-práticos proporcionar aos/às participantes instrumentos para que estas/es possam incorporar em suas práticas pedagógicas as temáticas sobre gênero, sexualidades, homo-lesbo-transfobia.

Foi possível constatar durante a realização da divulgação do IV Concurso de Cartazes na Edição de 2012, que a maioria das 27 escolas visitadas pela equipe do NIGS, buscava delegar ao professor de Língua Portuguesa, de Biologia ou de Educação Artística a função de trabalhar e elaborar com os/as alunos/as os cartazes justificando que as temáticas sobre homofó-

bia, lesbofobia e transfobia devem ser abordados nestas disciplinas, contrariando desta forma, as indicações nacionais no campo da educação, pois no Brasil, as temáticas relativas à educação sexual e as relações de gênero não constituem uma disciplina obrigatória e, estas devem ser abordadas de forma transversal em diferentes disciplinas, assim como preveem os Parâmetros Curriculares Nacionais (1997 e 1998). No entanto, percebemos que algumas destas escolas visitadas no primeiro semestre de 2012, ainda não conseguiram implantar no cotidiano escolar as diretrizes que estão indicadas nos Parâmetros Curriculares Nacionais.

Neste ano de 2012 o Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades recebeu 88 cartazes com imagens e frases propositivas que ressaltaram sobre a importância do combate a homofobia, lesbofobia e transfobia na sociedade brasileira.

Do dia 14 de maio até o dia 25 de maio de 2012 estes cartazes foram expostos no hall do Centro de Filosofia e Ciências Humanas (CFH) na Universidade Federal de Santa Catarina e esta exposição também, proporcionou para os próprios estudantes de graduação deste centro, reflexões sobre homo-lesbo-transfobia na medida em que alguns destes estudantes, dis-

ponibilizaram parte de seu tempo para apreciarem a exposição e conversarem sobre estas temáticas com os organizadores do evento.

Durante o período de exposição, os cartazes foram submetidos a três diferentes formas de avaliação e premiação: a) Categoria Prêmio Popular: a comunidade universitária escolheu os três melhores cartazes; b) Categoria Prêmio Científico: foram convidadas via e-mail para fazerem parte da votação online no prêmio científico professores/as que trabalham com estas temáticas referentes ao concurso, representantes de Movimentos LGBT e de Movimentos sociais e estudantis. Vinte e duas pessoas escolheram os três melhores cartazes do Ensino Fundamental e os três melhores do Ensino Médio; c) Categoria Júri NIGS: votaram os pesquisadores (atual ou ex-pesquisadores) do Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades/NIGS. Neste ano participaram 11 escolas e os pesquisadores do NIGS escolheram o melhor cartaz de cada escola, totalizando o número de 11 cartazes premiados.

Os cartazes buscam sensibilizar e desafiar as pessoas a refletirem sobre as questões que dizem respeito à inclusão da discussão sobre a diversidade sexual na escola, à valorização da diferença, à construção de um

ambiente de respeito e acolhida para com as diferentes formas de viver a sexualidade e a identidade de gênero. Enfim, mostravam a capacidade de reflexão dos alunos sobre os temas das discriminações existentes, sobre a importância de lutar para a igualdade nas diferentes formas de afetividade e de amor, respeitando as diferentes escolhas de vida das pessoas.

Os/as professores/as que coordenaram a atividade de construção de cartazes com as equipes de alunos/as em suas respectivas escolas, tiveram a oportunidade de relatar, no dia da premiação, sobre como ocorreu o processo de discussão e elaboração dos trabalhos referente às temáticas do concurso. Muitos destes/as professores/as apontaram as dificuldades encontradas, como por exemplo, resistência das famílias ou próprios colegas professores/as na discussão sobre homofobia, lesbofobia e transfobia na escola. Por outro lado, também ressaltaram a satisfação de ver seus alunos/as participando deste concurso, e que este possibilitou a discussão sobre a diversidade sexual e o enfrentamento da lesbofobia, transfobia e homofobia no ambiente escolar.

Nestas quatro edições (2009, 2010, 2011 e 2012) participaram 41 escolas e 939 alunas/os de escolas

públicas da Grande Florianópolis e mais de 250 cartazes elaborados. O número de pessoas e escolas que participaram desta discussão ainda é muito pequeno, mas consideramos um avanço na perspectiva de tornar estas atividades como políticas públicas no campo da educação que buscam promover a inclusão e problematização sobre a homofobia, lesbofobia e transfobia nas escolas.

CURSO DE FORMAÇÃO CONTINUADA PARA PROFESSORAS/ES SOBRE GÊNERO, SEXUALIDADES, HOMO-LESBO-TRANSFOBIA NAS ESCOLAS

O NIGS ofereceu o curso de Formação Continuada sobre Gênero, Sexualidades, Homo-lesbo-transfobia nas escolas, considerando que Florianópolis possui a lei municipal n. 8.679, de 14 de setembro de 2011 que inclui gênero e feminismo nos currículos escolares, e também, como parte das preparações para o IV Concurso de Cartazes. Esse curso de formação foi realizado em cinco módulos com a carga horária de 20 horas e participaram no total 30 professores/as de Educação Básica.

O objetivo principal deste curso foi de contribuir na problematização e discussão de temas relacionados à convivência com as diferenças, sejam elas, racial, religiosa, de classe, gênero ou de orientação sexual. Também, busca-se por meio de referenciais teórico-práticos proporcionar aos/às participantes instrumentos para que estas/es possam incorporar em suas práticas pedagógicas as temáticas sobre gênero, sexualidades, homo-lesbo-transfobia.

O curso foi realizado pelo Núcleo de Identidades e Subjetividades de Gênero – NIGS e junto à Coordenadoria Municipal de Políticas Públicas para Mulheres - CMPPM no período de março a junho de 2012. O Módulo I e II tratou sobre Gênero e Educação, Módulo III sobre Homo-lesbo-transfobia na escola, o IV sobre Educação, Diversidade e Violências de Gênero e o último módulo foi sobre Sexualidades e Orientação Sexual.

Essa experiência da realização dos V módulos do Curso de Formação, diálogo e relatos das/os professoras/es, assim como as visitas feitas em 30 instituições escolares, nos indicaram que algumas escolas silenciam ou legitimam práticas e discursos homofóbicos sem a reflexão sobre os danos que estes causam no aprendizado e a vida dos/as estudantes.

Neste contexto, é importante ressaltar que a homo-lesbo-trans fobia não é um problema somente de gays, lésbicas e transexuais, mas sim de toda a sociedade, pois as consequências da homo-lesbo-transfobia na escola resultam na evasão escolar, na discriminação na busca por emprego e na marginalização social de estudantes LGBTTT.

A escola, o currículo formal e o oculto são fatores determinantes na construção das diferenças e das identidades dos jovens adolescentes. O currículo é “todo um sistema de comportamento e de valores (...) todo o tipo de aprendizagens e de ausências que os alunos obtêm como consequência de estarem sendo escolarizados”, toda e qualquer “experiência vivida pelo aluno” (SACRISTÁN, 1995, p. 86 e p. 88). Portanto, também é importante problematizar a ideia de que a escola normatiza, “fabrica” sujeitos, reproduz preconceitos, estereótipos e estimula valores sexistas, racistas e heterossexuais no cotidiano escolar, mas que ela deve apontar espaços e possibilidades para a desconstrução de fobias, ideias preconceituosas e práticas de discriminação em relação à sujeitos que são considerados como “diferentes”, pois ser diferente não significa ser anormal.

O papel que o Concurso de Cartazes e o Curso de Formação assume no cenário de combate à homofobia, lesbofobia e transfobia nas escolas pode ser visto, não apenas como importante, mas como uma forma possível de problematização, discussão e reflexão sobre as complexas formas pelas quais as identidades sociais e culturais são constituídas, vivenciadas e normalizadas e *anormalizadas* no contexto escolar e na sociedade.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Acreditamos que a universidade através de seus núcleos de pesquisa e extensão possui a função de criar condições e possibilidades de discussão desses temas na escola, fazendo emergir as crenças e valores locais associados à sexualidade. O acesso ao conhecimento científico sobre sexualidades se dá na mediação entre esta emergência local e ações de formação como, por exemplo, o concurso de cartazes e curso de formação continuada para professores de escola básica.

A realização anual do concurso de Cartazes sobre Homofobia, Lesbofobia e Transfobia nas escolas poderá multiplicar ideias, atitudes de combate à homofobia, pois este desafia os/as próprios/as alunos/as

e os/as professores/as a discutir sobre esta temática, a rever seus conceitos e valores para produzirem um material de acordo com a proposta do concurso. Também, acreditamos que o trabalho de combate à homo-lesbo-transfobia terá maiores resultados nas escolas, se este for discutido com as/os professoras/es de todas as áreas do conhecimento e com a participação da comunidade escolar (pais e funcionários).

A universidade pública possui um importante papel na perspectiva de contribuir de forma consistente para a discussão sobre violências contra lésbicas, gays, bissexuais, travestis, transexuais e transgêneros dentro das escolas, colaborando para que todos/as os sujeitos tenham seus direitos assegurados.

REFERÊNCIAS

BORRILLO, Daniel. *Homofobia*. Espanha: Bellaterra, 2001.

FERNANDES, Felipe Bruno Martins. *A Agenda anti-homofobia na educação brasileira (2003-2010)*, Florianópolis, SC, 2011. (Tese de doutorado)

FREIRE, Paulo. *Pedagogia da autonomia*. 24ª ed. Rio de Janeiro, RJ: Paz e Terra, 2002.

GROSSI, Miriam. *Identidade de Gênero e Subjetividade, Antropologia em Primeira Mão*. Florianópolis, PPGAS-UFSC, 2010.

RELATÓRIO ANUAL. Núcleo de Identidades de Gênero e Subjetividades. *Projeto de Extensão “Papo Sério”*. *Discussões sobre Gênero, Homofobia, Prevenção com jovens em torno da Universidade Federal de Santa Catarina*. NIGS/UFSC, 2011.

SACRISTÁN, J. Gimeno. Currículo e Diversidade Cultural. In: Silva, Tomaz Tadeu da & Moreira, Antonio Flavio (Orgs.). *Territórios Contestados – o currículo e os novos mapas políticos e culturais*. Petrópolis, RJ: Vozes, p. 82-113, 1995.

Artigo recebido em: 31/08/2013

Aprovado para publicação em: 06/12/2013